

VIDA E OBRA DE LUDWIG WITTGENSTEIN

Urbano Zilles

PUCRS

No dia 29 de abril de 1951 morreu, em Cambridge (Inglaterra), um dos filósofos mais influentes e originais de nosso século, embora durante sua vida tenha publicado muito pouco de sua produção intelectual.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951) produziu duas filosofias diferentes: uma no *Tractatus logico-philosophicus* (1921) e outra nas *Investigações filosóficas* (1953). Através da primeira obra influenciou o **positivismo lógico** do "Círculo de Viena" e, através da segunda, as **filosofias analíticas** ou o método analítico na filosofia. Pessoalmente, todavia, não se identificou com nenhuma das escolas inspiradas em sua obra. As duas filosofias foram elaboradas em épocas diversas. Entre ambas há um intervalo em que Wittgenstein abandonara a filosofia. Comum a ambas as filosofias é a pretensão de compreender a estrutura e os limites do pensamento através do estudo da estrutura e dos limites da linguagem. Em outras palavras, em ambas as obras tenta uma **filosofia da lógica**.

Não se pode dizer que as filosofias de Wittgenstein já são muito conhecidas nos meios filosóficos brasileiros, embora suas obras principais já tenham sido traduzidas. Não quis escrever e, efetivamente, não escreveu uma **filosofia da linguagem**, mas seus estudos são de grande interesse neste campo, pois a linguagem foi sempre o centro de sua preocupação filosófica. Embora ela seja o tema central, levou também a sério aquilo que está além da linguagem, ou seja, o silêncio. No *Tractatus* estabeleceu os limites entre o que pode ser dito pela proposição significativa e o que pertence ao domínio do inefável, do místico ou simplesmente da vida. Wittgens-

tein não se comprometeu com o místico. Dele fala de maneira negativa. Pode ser pensado, mas não logicamente, de maneira análoga ao *noúmenon* em Kant. Parece que muitos de seus leitores só assumiram o tratamento formal da linguagem, ou seja, os ensinamentos inspirados em Frege e Russel.

1. CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA NO SÉCULO XX

O *Tractatus* de Wittgenstein nasce num contexto filosófico bem amplo, no início de nosso século. Enquanto, na Antigüidade e na Idade Média, a filosofia tematizava o *Ser*, no início dos tempos modernos, passa a girar em torno do problema do *conhecer* (Descartes e Kant) e, em nosso século, volta-se para a *linguagem* como sendo um dos problemas filosóficos centrais. A questão da linguagem foi formulada a partir de diferentes posições: a partir da *teoria do conhecimento*, passando-se de uma crítica da razão (Kant) para uma crítica da linguagem (Wittgenstein); a partir da antropologia (E. Cassirer), salientando a linguagem como característica identificadora do homem (*animal symbolicum* ou *linguisticum*), descobrindo-se correlações entre forma lingüística e visão do mundo; a partir da *ética* através do estudo das formas lingüísticas de proposições éticas e sua relação com proposições descritivas. Esta volta da filosofia à linguagem, para alguns pensadores, foi tão radical que reduziram a filosofia a uma mera crítica da linguagem, não sendo outra coisa que “uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem” (Wittgenstein, *Investigações*, § 109). De maneira análoga como Frege tentou reduzir a matemática à lógica, alguns tentam reduzir problemas filosóficos a questões de lógica e linguagem.

Não há dúvida, entre os filósofos, sobre a importância da linguagem para uma compreensão profunda do próprio homem. Costuma caracterizar-se o homem como *homo loquens*, como ser falante. Comparando-o com os animais, evidencia-se sua superioridade intelectual pela linguagem. Esta revela a natureza complexa do ser humano, o vínculo entre matéria e espírito e articula-se em muitas formas, como poética, mística, religiosa, e não a limitando à ciência no sentido estrito, coloca o homem no limite da auto-transcendência.

Em nosso século, a pesquisa filosófica aborda a linguagem do ponto de vista *semântico* (positivismo lógico e filosofia analítica); *gnosiológico* (Hermenêutica e Gadamer); *ontológico* (M. Heidegger); *social* (marxistas e estruturalistas) e *psicanalítico* (discípulos de Freud). Certamente a determinação da natureza e funções da linguagem é condicionada pelo ponto de vista escolhido, enquanto, por um lado, constróem-se tentativas de reduzir questões filosóficas à linguagem e à lógica, por outro, em nosso século, surgiram filósofos e correntes filosóficas que só aceitam afirmações sintéticas a *posteriori*, ou seja, juízos de experiência, cuja verificação cabe às ciências empíricas. Neste caso, a filosofia é reduzida ao campo da lógica, da teoria da ciência ou da pesquisa fundamental. Tais filósofos assumem posição crítica semelhante a Kant em relação à metafísica e, certa desconfiança, em relação a todos os assuntos transcendentais, inclusive em relação ao próprio Kant.

Na filosofia do século XX, há ainda outras tentativas de buscar uma nova base para o discurso filosófico. A filosofia *transcendental* busca tal base apriorística, tanto para a ciência como para a filosofia, no sujeito transcendental; a *fenomenologia* de Husserl tenta, através de reduções, investigar as essências puras e o puro eu; M. Heidegger tentou uma *ontologia* fundamental, a partir da análise existencial; no *positivismo lógico* tenta substituir-se a linguagem comum por linguagens científicas visando a obter o rigor e a precisão.

A posição da filosofia varia, pois, em relação ao mundo empírico como em relação ao transcendente. Toma-se consciência de um abismo que separa o “mundo da ciência” do “mundo da vida”. Surgem tentativas de reintegração, como no último Husserl e, de certa maneira, no último Wittgenstein. Para isso, a primeira guerra mundial certamente contribuiu, pois nela não morreram tanto idéias como homens concretos de carne e osso. Começou a indagar-se. De que adianta toda a ciência e toda a filosofia, se não estiverem a serviço do homem *todo* e de *todos* os homens?

Surgem filósofos, em nosso século, que se voltam mais à experiência, deixando a lógica pura em segundo plano. O problema da existência passa a ser o problema do *Ser*. Pergunta-se: qual o sentido da existência humana? Qual o sentido do *ser*? Qual a relação entre existência e *ser*? Para alguns pensadores, como J.-P. Sartre, A. Camus, a existência justifica-se a si mesma. Para outros, como Gabriel Marcel, a existência só tem sentido pleno em Deus.

A compreensão da própria existência condiciona a relação com o transcendente. Assim surge a alternativa entre um humanismo imanentista e ateu e um humanismo aberto à transcendência. Embora, alguns alimentem certo ceticismo em relação à metafísica, outros sentem necessidade dela para dar sentido à existência. Enquanto a metafísica, para alguns, não é científica e é absurda, para outros continua sendo disciplina fundamental de toda a filosofia.

Sem dúvida, a filosofia do século XX apresenta também um **caráter dialético**. A multiplicidade de correntes e expressões muito diversas não querem perder certa unidade. Apesar da diversidade radical, não se coloca, por exemplo, o problema de uma simples alternativa entre uma concepção do homem e do mundo que seja **espiritualista** e outra, **materialista**. Tenta-se desvelar, outrossim, as relações e a unidade entre espírito e matéria, o homem e suas circunstâncias sociais, econômicas e políticas, não apenas as diferenças. Busca-se uma unidade fundamental a partir da qual se possa pensar a multiplicidade. Tal pensamento dialético vê o homem, simultaneamente, como determinado e como livre; vê os fatos no contexto de uma teoria e ignora a teoria que não seja uma teoria da realidade; pergunta pela relação entre o relativo e o absoluto; reflete a tensão entre o pensar finito e a busca do infinito. Nem sempre tal tensão está presente da mesma forma e na mesma proporção em todos os pensadores e em todas as correntes. Assim algumas filosofias acentuam a **subjetividade**, como o existencialismo e o personalismo; outras, como o empirismo lógico e o estruturalismo, tentam colocar a subjetividade entre parênteses para refletir apenas a **objetividade**; outras ainda tentam conceber ambos os pólos em tensão numa **unidade dialética**.

As **aspirações** da filosofia, no século XX, diferem daquelas do século XIX. O sonho do século XIX era a criação de uma ciência unificadora conforme o método das ciências da natureza. Tal sonho, em nosso século, se desfez com a teoria do **quantum**, na física de Max Planck, em 1900. O positivismo científico, em fim do século XIX e começo deste, que pretendia enclausurar a filosofia dentro dos limites dos fatos, já foi superado. A geometria não euclidiana modificou radicalmente a concepção matemática tradicional e a absoluta objetividade das leis científicas. O conceito clássico de ciência foi relativizada. A noção clássica de causalidade perdeu seu

valor ilimitado. Com isso o homem adquire consciência da ambigüidade da ciência e da técnica nas quais confiava de maneira quase irrestrita, no século passado. Enquanto o conceito clássico de causalidade permitia a determinação, projetando uma imagem do mundo e do homem que necessariamente é **como é**, passou-se a considerar mais a estrutura deste cosmos que sua história, ou então olha-se estrutura e história numa unidade dialética. A relativização da lei da causalidade permite reconquistar, todavia, a consciência do espaço para a própria liberdade humana.

A miséria de grandes massas no meio do progresso científico e tecnológico formula, de maneira nova, a questão do **sentido da existência humana**. A pergunta pelo sentido, inevitável na filosofia, não se responde com respostas desta ou daquela ciência, pois dimensiona-se numa globalidade que envolve o homem todo e todos os homens. Toma-se consciência de que a filosofia não se pode separar do contexto social, econômico, científico e artístico de uma cultura, se não quiser tornar-se insignificante para a sociedade e para o próprio indivíduo.

Não se pode deixar de perceber certa tendência anônima no sentido de romper com a velha tradição, de destruir o ídolo do saber, libertando o pensamento da hipoteca da tradição. Esta tendência parece tornar-se mais nítida na segunda metade de nosso século na chamada **filosofia ativa**, que tematiza, de maneira quase anárquica, a ordem social. Desenvolve-se à margem das instituições, despreocupada do discurso doutrinário e das práticas institucionais. Através de análises que faz e pela ação contribui para minar instituições repressivas e ocupar o espaço da liberdade criadora em todos os campos da atividade humana.

Neste contexto bem amplo, parece-me dever situar-se a filosofia de Ludwig Wittgenstein, que a nosso ver, é de uma singular originalidade, muitas vezes incompreendida porque lida em perspectivas unilaterais. Talvez em sua obra não se tenha dado a devida atenção à **significação mística do silêncio**. Para perceber melhor esta originalidade perguntamos: Quem era Wittgenstein? Era apenas um filósofo ou também um místico?

2. ASPECTOS BIOGRÁFICOS

A vida de Ludwig Josef Johann Wittgenstein tem, sob certos aspectos, caráter excêntrico e inconstante. Era um homem inteligente e atormentado, um racionalista e, ao mesmo tempo, um místico. Nasceu em Viena, a 26 de abril de 1889. Seu pai era um engenheiro que chegou a ser dirigente na indústria de ferro e aço. De sangue hebreu, convertera-se ao protestantismo. Sua mãe era católica, razão pela qual Ludwig foi batizado na Igreja católica.

Ludwig era o último de oito filhos. A mãe exercia influência artística muito grande na família que chegou a ser freqüentada por grandes músicos como J. Brahms.

Depois dos 14 anos de idade, Ludwig estudou, durante três anos, em Linz (Áustria), ingressando, a seguir, na *Technische Hochschule* de Berlim, onde permaneceu até 1908. Nesse mesmo ano transferiu-se para Manchester (Inglaterra), matriculando-se no curso de engenharia. Dedicou-se a problemas aeronáuticos, chegando a projetar um motor a jato para aviões. Esteve matriculado em Manchester até 1911. Da engenharia, orientou seus interesses para a matemática. Leu o livro *Principles of mathematics* de B. Russell e Whitehead e apaixonou-se pela filosofia.

B. Russell registrou seu primeiro encontro com Wittgenstein:

Ao final de seu primeiro período de estudo em Cambridge, aproximou-se de mim e disse: seria o senhor tão amável de me dizer se sou ou não um completo idiota? Repliquei-lhe: meu querido companheiro de college, não sei. Por que me pergunta? Ele disse-me: Por que se sou um completo idiota, serei engenheiro aeronáutico; mas, se não, serei filósofo. Respondi-lhe que durante as férias me escrevesse algo sobre algum tema filosófico e então lhe diria se era um completo idiota ou não. No começo do período letivo seguinte trouxe-me a tarefa sugerida. Depois de ler uma só linha, disse-lhe: Não, você não deve fazer-se engenheiro aeronáutico (*Retratos de memória y otros ensayos*. Buenos Aires, Aguilar, 1962).

Wittgenstein voltou a Jena (Alemanha) para discutir seu plano com G. Frege. Este o reencaminhou a Cambridge para estudar com B. Russell. Aí chegou a conhecer A.N. Whitehead e G.E. Moore e fez amizade com o economista J.M. Keynes e o matemático G.H. Hardy. Mas depois de um período de grande inquietude (1906-12), em 1913, partiu para a Noruega, onde viveu na solidão em uma cabana construída por ele mesmo.

Quando irrompeu a primeira guerra mundial, Wittgenstein alistou-se no exército austríaco como voluntário. Em 1918, tornou-se prisioneiro dos italianos. Nessa época, concluiu o *Tractatus logico-philosophicus* enviando uma cópia do manuscrito a Russell e outra a Frege. Mais tarde, dedicou-o à memória de David Pinsent, um jovem matemático com o qual fizera amizade em Cambridge e, em 1913, o acompanhara para a Noruega.

As primeiras pesquisas filosóficas de Wittgenstein desenvolveram-se no campo dos problemas tratados por Frege e Russell, ou seja, em torno de conceitos como **função proposicional, variável, generalidade, identidade**, etc. Depois de dificuldades para encontrar um editor para o *Tractatus*, cujo texto alemão aparecera em 1921, no último número da revista *Annalen der Naturphilosophie*, apareceu em edição bilíngüe (alemão e inglês), em 1922, em Londres com uma introdução de B. Russell.¹

Após a guerra, descobriu Tolstói e, através dele, os Evangelhos. Desfez-se, então, da fortuna herdada com a morte do pai (1912) e abandonou o meio universitário para viver em grande simplicidade. Doou suas posses a duas de suas irmãs para evitar que tivesse amigos atraídos pelo dinheiro. Depois de seguir um curso de formação para professores secundários, dedicou-se ao magistério, no período de 1920-26, em aldeias do interior austríaco. Abandonou o magistério para tornar-se jardineiro no convento beneditino de Huetteldorf, perto de Viena. Em 1926, pensou em tornar-se monge. Durante dois anos (1926-28), colaborou no projeto e na construção de uma mansão para sua irmã. No dizer de alguns biógrafos, este palácio é de estilo simples, estático e severo, semelhante à harmonia do próprio *Tractatus*. Durante este período, Wittgenstein foi apresentado a Moritz Schlick, professor de filosofia na Universidade de Viena, e mais tarde o fundador do *Círculo de Viena*.

Sabemos que Wittgenstein não tinha uma formação sistemática em filosofia. Conhecia poucos clássicos. No *Tractatus* faz uma única menção a Kant e, nas *Investigações*, algumas a Platão e a S. Agostinho. Na juventude, leu Schopenhauer, admirava Kierkegaard e Dostoiévski. Segundo suas próprias declarações, tinha pouco conhecimento de Spinoza e Hume.

Em 1933, recebeu uma visita de Frank Ramsey, em Puchberg, para discutir o *Tractatus*. Pela própria amizade, Moritz Schlick per-

suadiu-o, em 1927, a encontrar-se com Rudolf Carnap e Friedrich Waismann para discutir questões de filosofia do *Tractatus*. Em 1929, depois de ouvir uma conferência de Brouwer sobre os fundamentos da matemática, por insistência dos amigos, retornou a Cambridge e aí se matriculou como doutorando. Conseguiu revalidar seus estudos anteriores e apresentar o próprio *Tractatus*, publicado oito anos antes, como tese para a obtenção do título de doutor em filosofia ainda no mesmo ano. Nessa mesma época publicou um artigo intitulado **algumas observações sobre a forma lógica**, que juntamente com o *Tractatus* são os únicos escritos filosóficos publicados, por ele, durante a vida. Por que teria publicado tão pouco? Por que sempre se julgou mal compreendido por seus intérpretes? Talvez uma das razões tenha sido que os intérpretes viram, em sua obra, apenas a vertente de influências vindas de Frege e Russell e tentaram interpretar o aspecto místico na mesma perspectiva. Wittgenstein, todavia, deve ser visto também na perspectiva da grande tradição cultural da Áustria, de modo especial de Viena, na qual se criou, no fim do século passado e começo deste. Aí sua admiração por Tolstói, Dostoiévski e por Kierkegaard faz surgir naturalmente uma série de questões referentes à metafísica, ética e religião. Na sua juventude, em Viena, encontrou uma atmosfera espiritual em que o problema da linguagem, com uma tendência a separar o que nela se pode dizer e o que não se pode dizer, era central.

A partir de 1933, época em que redigiu os **Cadernos Azul e Marrom**, encaminhou suas pesquisas em direção às **Investigações filosóficas**, obra publicada em 1953, caracterizando sua nova filosofia. Como no caso do *Tractatus*, também iniciou as **Investigações** em sua cabana na Noruega, para onde retornara em 1936, depois de voltar da Rússia.

Através da experiência direta e do magistério, e através de discussões, constatara que o *Tractatus* fora construído sobre uma teoria insatisfatória da linguagem; em outras palavras, que não se podia deduzir a estrutura da linguagem e seus limites a partir de uma teoria lógica abstrata. Voltou-se, então, à pesquisa empírica, tentando examinar a linguagem como parte da própria vida humana com a complexidade de forma e função.

A discussão do *Tractatus* e novas experiências em sua atividade modificaram, aos poucos, aspectos fundamentais de sua visão.

Essas modificações já aparecem no curso ministrado em Cambridge, em 1933-34, para o qual escrevera notas das quais fizera cópias colocadas em capa azul e passaram a circular entre alunos e amigos. Por isso, após sua morte, essas notas foram publicadas com o título **Caderno azul**. Também fizera três cópias das notas do curso ministrado em 1934-35, em Cambridge, colocando-as em capa marrom que se tornaram conhecidas sob o título de **Caderno marrom**. Nesses dois cadernos está a semente criadora daquilo que serão, mais tarde, as **Investigações filosóficas**.

Em 1939 foi nomeado para ocupar a cátedra de G.E. Moore, na Universidade de Cambridge. Mas só a assumiu após a guerra, até 1947. Nas aulas era pouco acadêmico, como relatou minuciosamente seu aluno e amigo Norman Malcolm em *mémoire*. Costumava dar as aulas em sua própria residência. Era muito rigoroso quanto à pontualidade e não admitia alunos turistas. Pensava em voz alta diante dos alunos ou dialogava com eles, sem usar de manuscrito, visando a maior participação. Era inimigo das multidões e da fama fácil. Durante o inverno de 1948, retirou-se para uma granja no interior da Irlanda, na solidão, mudando-se depois para perto de Dublin, a fim de trabalhar nas **Investigações**. Em 1949 visitou amigos nos Estados Unidos. Viveu os últimos anos com amigos em Oxford e Cambridge. Aí morreu de câncer a 29 de abril de 1951, sendo suas últimas palavras à senhora Bevan: "Diga-lhes que esta vida sempre me maravilhou".

Norman Malcolm, aluno e amigo de Wittgenstein a partir de 1939, diz que "os momentos de bom humor eram comparativamente raros. O mais usual era que seus pensamentos fossem sombrios. Estava constantemente deprimido, creio, por causa da impossibilidade de chegar a entender a filosofia" (cf. Ferrater Mora, p.45).

Desde cedo, Wittgenstein experimentou o aspecto trágico da vida, pois três de seus irmãos se suicidaram. Hans suicidou-se em Cuba, em 1902; Rudolph em Viena, em 1904; Kurt, na guerra, em 1918. Na política primeiro admirava a revolução leninista. Mas, depois de sua visita à Rússia, em 1935, voltou desiludido.

Para entender sua obra filosófica é preciso atender a dois aspectos de sua vida. Quando escreveu o *Tractatus*, na Europa, de modo especial em Viena, havia-se criticado os abusos da língua alemã em questões de ética, política e literatura. Compreende-se,

a partir deste contexto, que se preocupasse com a linguagem e buscasse apoio em Frege e Russell. Por outro lado, em sua obra está presente o ambiente cultural de Viena, ou seja, o aspecto místico da vida, um aspecto que muitas vezes é negligenciado. Parece indiscutível sua fé em Deus. Embora não praticante, em sua inscrição militar, em 1939, declarou-se "católico romano".

3. A OBRA FILOSÓFICA DE WITTGENSTEIN

A obra filosófica de Wittgenstein é de mui difícil interpretação. Por vezes dá a impressão de esotérica. Outras vezes surpreende por sua originalidade e simplicidade.

René Descartes desviara a atenção da filosofia do problema do Ser (metafísica) para o problema do conhecer (crítica). Wittgenstein concentrou a atenção dos filósofos contemporâneos para o estudo da linguagem. Estudou-a como instrumento com diferentes funções. O cientista, o matemático, o reformador social e o poeta todos usam a linguagem, cada qual a seu modo. Wittgenstein abordou a linguagem não como dom dos deuses, mas como um aspecto da conduta social da espécie humana como é o beber e o comer. Nas *Investigações filosóficas* diz que a linguagem pressupõe um contexto não-lingüístico.

No *Tractatus*, Wittgenstein quer mostrar a forma lógica, fixa e exata da linguagem. Nas discussões da época criticara-se a capacidade de a linguagem ordinária exprimir exatamente o pensamento. Tentara-se elaborar uma linguagem, para a filosofia, que seja científica e elimine o conteúdo metafísico. Frege estudara as relações entre a lógica e a matemática a partir da lógica moderna. Constatara que a linguagem comum é insuficiente para expressar o pensamento sem ambigüidade e sem imprecisão. Russell e Whitehead, na grande obra *Principia Mathematica*, reduzem a matemática à lógica. Inspirado nessa problemática, tratou da linguagem de maneira puramente formal. A maior parte do *Tractatus* ocupa-se na natureza da linguagem e de sua relação com o mundo. Postula que deve haver algo em comum entre a figuração (linguagem) e o figurado (mundo). Chamou a este mínimo irreduzível de forma lógica.

O *Tractatus* recebeu muitas críticas contundentes e o próprio Wittgenstein já o considerou superado sob muitos aspectos. Podemos até perguntar: o que nos leva a relê-lo e a estudá-lo ainda hoje?

José Arthur Gianotti, na apresentação feita à edição brasileira, escreveu:

Seguramente não é apenas por sua importância histórica, nem pela riqueza das idéias que encontramos em seu interior. Ainda que sejamos atraídos pela beleza de sua arquitetura, o que importa, assim o cremos, é a radicalidade de suas posições. O problema do conhecimento se assentava, na filosofia tradicional, sobretudo nas relações entre a consciência e a realidade. É fácil verificar que a reflexão sobre a consciência cedeu lugar à reflexão sobre a língua. Nesta direção, Wittgenstein deu um dos primeiros passos decisivos, e talvez ninguém tenha colocado a questão da linguagem e do mundo em termos tão radicais (p. 46-7).

A passagem de Wittgenstein pelas aldeias de Trattenbach, Puchberg e Otterthal como professor secundário (1920-1926) abriram-lhe novas perspectivas. No contato direto e diário com as crianças chegou à conclusão de que para ensinar o significado das palavras a elas, deve-se partir de situações do uso cotidiano das palavras aplicadas ao contexto. Por outro lado, a volta a Cambridge, sofreu a influência de Ramsey e Sraffa. Também aqui percebemos uma dupla influência presente nas *Investigações filosóficas*. Nelas investiga a natureza da linguagem, tratando amplamente de sua relação com os pensamentos e os estados mentais. Substituiu a teoria da figuração do *Tractatus* pela teoria dos jogos de linguagem vinculados a formas de vida.

As *Investigações* encontraram desacordo quanto à própria natureza de sua filosofia. Russell, por exemplo, considerava-as "uma pesquisa trivial acerca da linguagem". Russell entendia que a filosofia deve estar vinculada à lógica, ao conhecimento e à realidade. Entretanto W. Shibles lembra que os conceitos discutidos tem predecessores como Wilbur M. Urban em sua obra *Language and Reality* (Londres, George Allen & Unwin, 1939), obra pouco conhecida, na qual já havia formulado boa parte da estrutura teórica da linguagem, o significado, considerado como uso num jogo lingüístico. Shibles considera que a importância das *Investigações* não é tanto sua teoria mas suas observações, sua maneira de pensar em termos de modelos, de justaposição de vocábulos para lhes explo-

ras os significados, ou seja, um modo de filosofar, um estilo. Por outro lado, este estilo é responsável pela dificuldade de interpretação.

Toda a obra filosófica de Wittgenstein está polarizada pelo *Tractatus* e pelas *Investigações*. Comum a ambas as obras é o estudo da linguagem. Cada uma a considera de maneira diferente. Na primeira, sua filosofia centra-se na linguagem formalizada lógico-matemática e, na segunda, na linguagem comum ou ordinária. Enquanto no *Tractatus* considerava uma única linguagem possível, rigorosamente elaborada, baseada num paralelismo total entre linguagem e mundo, nas *Investigações* reconhece a legitimidade de um número indefinido de linguagens dentro da linguagem comum, cada qual com suas próprias regras, que chama de **jogos de linguagem**.

A obra filosófica de Wittgenstein é, por um lado, a obra de um intelectual que busca a fria objetividade e a meditação imparcial. Por outro, nela se manifesta a paixão de alguém que põe a si mesmo naquilo que faz, em cada linha que escreve. Como já dissemos, em vida só publicou duas obras filosóficas: o *Tractatus* (1921), e um breve ensaio intitulado **Algumas observações sobre a forma lógica** (1929). A partir de 1960, a Brasil Blackwell de Oxford fez uma citação póstuma das obras de Wittgenstein em cinco volumes. O conteúdo é o seguinte:

- 1 – *Tractatus logico-philosophicus; Diário de 1914-16; Investigações filosóficas* (1960).
- 2 – *Observações filosóficas* (1960).
- 3 – *Wittgenstein e o Círculo de Viena* (1967).
- 4 – *Gramática filosófica* (1969).
- 5 – *O Caderno Azul e o Caderno Marrom* (1970).

Em língua alemã apareceu uma edição em cinco volumes pela Editora Suhrkamp de Frankfurt a.M.

A obra de Wittgenstein não tem grande influência direta de filósofos clássicos. Entretanto sua filosofia foi marcada fortemente por Gottlob Frege, George E. Moore e Bertrand Russell. No *Tractatus* refere-se muitas vezes a Frege, mesmo para discordar dele. Está em contínuo confronto com o pensamento do filósofo alemão. G.E. Moore certamente exerceu grande influência sobre as *Investigações*. Moore defendia a legitimidade dos juízos pronun-

ciados pelo "homem da rua" sobre a existência de coisas e acontecimentos exteriores. Considerava tarefa da filosofia não discutir mas analisar tais juízos. B. Russell é o fundador do atomismo lógico. Pressupõe uma estrutura lógico-matemática do próprio mundo. Tenta subordinar toda a realidade a alguns princípios lógicos. Sua filosofia consiste numa análise lógica da linguagem, reduzida à linguagem científica. Esta, por sua vez, é considerada como espelho do próprio mundo, todo ele lógico. A novidade de Russell é a aplicação do recurso lógico-matemático à realidade empírica, de natureza atomista. O tratamento lógico-matemático é colocado, por Russell, a serviço do empirismo. Só até certo ponto a obra de Wittgenstein herdou este caráter anti-metafísico. Mas o contato com Russell fê-lo conhecer o atomismo lógico e penetrar na tradicional corrente empirista inglesa.

NOTA

1. Esta introdução de B. Russell está traduzida para o português na edição da Calouste Gulbenkian (1987).